Transformações do imperialismo americano

Vitor Eduardo Schincariol
– Doutorando em História Econômica pela FFLCH-USP

Dentre os aspectos que explicam o atual desempenho diferenciado da economia dos Estados Unidos em relação às outras economias industriais, estão também aqueles ligados aos benefícios de sua posição privilegiada no concerto econômico atual. Alguns destes aspectos já são conhecidos pela literatura que estuda o imperialismo pelo menos desde o final do século XIX; eles simplesmente continuam ocorrendo. Outros têm uma existência mais recente, sendo explicados pelas transformações da economia mundial nos últimos anos, nos quais o papel de potência imperialista dominante dos Estados Unidos se tornou mais nítido. Este trabalho resume de forma estilizada novos e reiterados aspectos desta política no período recente.

1. A continuidade da exportação de capitais

A exportação de capitais pelas nações industrializadas foi um das marcas do imperialismo quando de seu surgimento em fins do século XIX. Sua existência foi reconhecida como central para todos teóricos, de Rosa Luxemburgo a Lênin, de Bukharin a Hilferding. Basicamente, as vantagens da exportação de capitais eram as seguintes:

a) Ela permitia, ao país em que se esses capitais originalmente se concentravam, um desafogo na capacidade ociosa, resultado da sobreacumulação, ao qual o rápido crescimento da indústria levava. A colocação de empreendimentos em outros países permitia a elevação da acumulação de capital, transferindo a produção a outras localidades, que o não o país em questão. Postergavam-se assim as crises de excesso de oferta.

b) A exportação de capitais permitiu a elevação das exportações das manufaturas e serviços do país exportador de capitais. A regra de atuação das empresas que se deslocavam de seus territórios era manter suas operações produtivas com uma carga significativa de importações de seu país de origem – seja de mercadorias, seja de serviços como o transporte marítimo. Assim, isto nada mais era do que continuar, por meio da elevação das exportações de mercadorias e serviços, a oferecer uma solução adicional – além, portanto, da exportação de capitais – para as crises de sobreacumulação, por meio de um mercado externo.

c) O deslocamento constante de unidades fabris para outros países permitia posteriormente ao país imperialista auferir rendas provenientes desses investimentos. Na medida que as indústrias se deslocavam para outras localidades, permitia-se uma diminuição do trabalho fabril no interior do país exportador de capitais, e a elevação do recebimento de rendas destes empreendimentos vindos do exterior. Isto se traduzia em ganhos não só para as burguesias mas para o conjunto dos trabalhadores, ajudando a explicar o arrefecimento de suas aspirações revolucionárias nos grandes centros metropolitanos. Uma economia com diminuição do trabalho fabril, e com renda suficiente para modificar sua pauta de demanda – em direção aos serviços – interessou assim ao conjunto da coletividade nos centros, explicando parte da coesão social obtida a partir da década de cinqüenta do século XX. A nação imperialista, recebendo as rendas da operação de suas empresas em outros países – marcadamente os periféricos – reproduzia-se cada vez mais às custas do trabalho de outras nações.

Tem sido assim para os Estados Unidos até hoje. A exportação de capitais dos Estados Unidos foi responsável por grande pressão na conta de capitais desde o fim da segunda mundial, e na literatura local houve mesmo os que defendessem sua diminuição, ou limitação, para minorar uma suposta crise iminente de seu balanço de pagamentos.

Porém, a política externa norte-americana não deu nunca ouvidos a essa literatura. Seus formuladores sabem das vantagens da presença de suas empresas no além-mar, no México e Canadá. A difusão dos capitais americanos pelo globo significa assegurar estrategicamente o fornecimento de um sem-número de matérias-primas essenciais para a manutenção de sua posição dominante. Significa uma demanda constante por suas exportações. Mas o mais importante, quando se fazem as contas, é ver a comparação entre o fluxo de rendas que chega aos Estados Unidos e os capitais que migram. Elas sempre indicam um número superior do primeiro sobre o segundo.

Tal como se pode ver no quadro 1, o fluxo de rendas que os Estados Unidos recebem anualmente de seus investimentos no exterior quase sempre supera – com exceção de 1966, 1995, 1998, 2000, 2001 e 2004 – o fluxo de dólares que deixa o país na forma de ID (investimento direto). A diferença total entre estas duas variáveis quase chega a quinhentos bilhões de dólares.

As rendas recebidas *sempre* são maiores do que os investimentos num determinado ano porque partem de um capital previamente instalado, e portanto já existente, nos anos anteriores (ver quadros 1 e 2 abaixo). Os investimentos diretos *somam-se*, portanto, a um capital já em funcionamento, e que *já está* gerando rendas para as matrizes.

O que importa assinalar é a exportação de capitais norte-americanos drena recursos em direção aos Estados Unidos, recursos esses que, não reinvestidos nos países receptores, torna-se um freio para acumulação destes próprios países. E porque o crescimento das outras economias é um dos limites (não o único) para a instalação, ali, de capitais dos Estados Unidos, a exploração via recebimento de

fluxos de renda de capitais colocados no exterior é real, mas ocorre por meio de evoluções contraditórias.

É por isso que a elevação absoluta dos investimentos no exterior (ainda que parte tenha sido nacionalizada, expropriada etc.), mesmo que aumentando anualmente o capital instalado ali, não torna o fluxo de rendas *progressivamente* maior do que a exportação de capitais. Trata-se de um processo mais ou menos autônomo onde as rendas superam os investimentos, mas em uma proporção mais ou menos constante, e em parte dependente do crescimento das outras economias.

As vantagens da exportação de capitais não são, portanto, novas. Elas foram identificadas por Hobson, Lênin, Rosa Luxemburgo, Hilferding e outros. Os benefícios dela continuam hoje a ser auferidos pela economia dos Estados Unidos, na medida em que são a nação que mais ativos possuem no exterior. As recentes pressões por abertura e flexibilizações de mercados, da época *neoliberal*, devem ser entendidos portanto numa perspectiva dialética – como uma *nova* etapa histórica da *reiteração* de uma determinada política imperialista previamente conhecida.

• **Soma total das rendas dos investimentos estrangeiros diretos dos Estados Unidos entre 1960 e 2006, em milhões de dólares correntes (linha 1 do quadro 2):** 2.902.040 (dois trilhões e novecentos bilhões de dólares)
• **Soma total dos investimentos estrangeiros diretos dos Estados Unidos entre 1960 e 2006, em milhões de dólares correntes (linha 2 do quadro 2):** 2.249.522 (dois trilhões e quatrocentos e vinte nove bilhões)
• **1 – 2 =** 472.518 (quatrocentos e setenta e dois bilhões e quinhentos e dezoito milhões)

Quadro 1. Estados Unidos. Diferença total das Rendas provenientes dos investimentos diretos no exterior norte-americanos e o próprio investimento direto. 1960-2006. Em milhões de dólares correntes. Fonte: BEA – Bureau of Economic Analysis (www.bea.gov)

Por fim, a existência de empresas norte-americanas no exterior não deixa de constituir uma mola propulsora para as exportações das manufaturas e serviços localizados em seu território. É fato sabido que boa parte das importações das empresas americanas fora do país vem justamente de suas matrizes. Para as empresas que por motivos logísticos ou estratégicos não podem plantar filiais no exterior (indústrias de construção, bélica, redes de hospitais, de tecnologias ligadas ao armamentismo), vender para fora – e a política de comércio exterior dos Estados Unidos se traduz numa luta acirrada para abrir mercados – é sempre um bom negócio. E, por mais que os conhecidos déficits na balança comercial tenham se avolumado, é inegável que as exportações norte-americanas têm *também* crescido a taxas rápidas. A exportação de capitais e a de mercadorias andam sempre juntas.

	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969
Rendas (1)	3621	3823	4241	4636	5106	5506	5260	5603	6591	7649
Inv. Direto (2)	-2851	-2653	-2851	-3483	-3760	-5011	-5418	-4805	-5295	-5960
	1970	**1971**	**1972**	**1973**	**1974**	**1975**	**1976**	**1977**	**1978**	**1979**
Rendas (1)	8169	9160	10949	16542	19157	16595	18999	19673	25458	38183
Inv. Direto (2)	-7590	-7618	-7747	-11353	-9052	-14244	-11949	-11890	-16056	-25222
	1980	**1981**	**1982**	**1983**	**1984**	**1985**	**1986**	**1987**	**1988**	**1989**
Rendas (1)	37146	32549	29469	31750	35325	35410	36938	46288	58445	61981
Inv. Direto (2)	-19222	-9624	-4556	-12528	-16407	-18927	-23995	-35034	-22528	-43447
	1990	**1991**	**1992**	**1993**	**1994**	**1995**	**1996**	**1997**	**1998**	**1999**
Rendas (1)	65973	58718	57539	67245	77344	95260	102505	115323	103963	131626
Inv. Direto (2)	-37183	-37889	-48266	-83951	-80167	-98750	-91885	-104803	-142644	-224934
	2000	**2001**	**2002**	**2003**	**2004**	**2005**	**2006**			
Rendas (1)	151839	128665	145590	186750	226224	251370	295884			
Inv. Direto (2)	-159212	-142349	-154460	-149897	-244128	-9072	-248856			

Quadro 2. Estados Unidos. Investimentos diretos fora dos Estados Unidos (2) e rendas provenientes dos investimentos diretos no exterior (1). Em milhões de dólares correntes. Fonte: BEA – Bureau of Economic Analysis (www.bea.gov)

2. *A importação de capitais como meio de extração do excedente mundial*

Marx se destacava na economia política por identificar os movimentos contraditórios de reprodução do capitalismo. No nível da acumulação em escala mundial, isto se verifica com grande amplitude. É justamente a *exportação de capitais* que permite que os Estados Unidos usufruam hoje das benesses da *importação de capitais*. Na medida que a exportação de capitais se transmuta numa concentração de capital nos Estados Unidos – como se viu acima –, ela permite a formação de um capital que em parte entrará no circuito da acumulação financeira, porque mesmo nos Estados Unidos não pode ser completamente reinvestida. [1] Nestas condições, desenvolve-se o capital financeiro, que nasce de uma concentração colossal de capital que não pode ser completamente invertido produtivamente.

[1] Não se ignore que a reprodução do capital nos Estados Unidos é uma reprodução *capitalista*, que também leva a crises de sobreacumulação e de elevação do capital ocioso.

Sendo os Estados Unidos a maior praça financeira, é claro que capitais de todo o planeta se concentram ali, em busca de investimentos seguros nestes circuitos financeiros altamente dinâmicos e volumosos. Os investimentos no mercado da potência dominante – por seu poderio econômico e militar – tornam-se atrativos para governos e elites de todos os países do sistema capitalista mundial, e suplantam outros mercados financeiros de potências de "segunda ordem" (Japão, Alemanha, Inglaterra etc.). Na medida que a exportação de capitais permite a concentração de poder e capital nos Estados Unidos, ela passa a engendrar as condições para que os Estados Unidos usufruam, agora, das vantagens de *receberem* capitais. Trata-se da conformação de uma *nova* etapa do jogo imperialista.

Nas atuais circunstâncias do período posterior à Guerra Fria, a supremacia econômica e militar dos Estados Unidos assegurou a superioridade dos papéis norte-americanos, privados e públicos. Eles portanto atraem recursos do mundo inteiro, seja de fundos de pensão, bancos centrais ou mesmo empresas e famílias com recursos. Como tais títulos são denominados em dólares, a valorização do dólar e a utilização deste como meio de reserva e troca mundiais são também garantidas, numa espiral onde os papéis garantem o valor do dólar e o dólar garante o valor dos papéis.

Isto tem resultado, para os Estados Unidos, numa contínua utilização da poupança internacional para a reprodução do capital e do consumo em seu território. Por exemplo: em 2004, o investimento agregado somou nos Estados Unidos dois trilhões e trezentos e um bilhões de dólares, aproximadamente. Porém, a poupança nacional somou o total de um trilhão e quinhentos bilhões de dólares. Foram os fluxos financeiros internacionais que "cobriram" esse hiato. As figuras 2, 3 e 4 evidenciam como tal tem se intensificado a partir de fins dos anos 19(70).

O *Economic Report of the President* de 2006 [2] informa que os fluxos financeiros vêm principalmente da Alemanha, Japão, China e Rússia. Para os dois primeiros, trata-se de "reciclar" externamente um capital que, de acordo com suas dificuldades específicas de reprodução ampliada do capital doméstico (dívidas podres, capacidade ociosa etc.), teria de permanecer ociosa ou transmutar-se em mais investimentos sociais. Para a China, trata-se de uma estratégia de conter a valorização do *yuan* e levar à frente seu selvagem modelo de exportação – já que os saldos sucessivos da balança comercial, em dólares, fariam despencar o valor destes em seus mercados. E a Rússia tornou-se uma grande exportadora de capital porque, nas condições de seu novo "capitalismo", os recursos da alta do petróleo não precisam ser invertidos na acumulação local. Depois que os trabalhadores foram "libertados da posse dos meios de produção" após os acontecimentos de 1991, o excedente local pode muito bem transformar-se em ganhos financeiros na praça norte-americana. Isto é: os trabalhadores russos explorados, controlados pelas gangues que assumiram o controle dos ativos produtivos construídos no período do socialismo "real", contribuem para que a taxa de poupança nos Estados Unidos possa continuar sendo a menor entre as nações industrializadas.

[2] Todos os *Economic Report of the President* podem ser obtidos em http://www.gpoaccess.gov

É claro que o discurso oficial do governo dos Estados Unidos só pode justificar cinicamente este estado de coisas. Para este, o "livre" fluxo de capitais auxilia ambos grupos de países (os que exportam e os que importam). Os que recebem gastam sem poupar. Os que exportam, "encontram investimentos mais lucrativos em relação aos quais se pode encontrar em seus próprios países". Isto é o que se afirmava na página 128 do "Economic Report of the President" de 2006: "Capital flows provide benefits to both groups of countries. For capital exporters, net outflows allow them to earn a higher return on their savings by investing abroad than they expect to earn by investing in their own countries. For capital importers, drawing on foreign savings allows domestic investment to be maintained at a higher level than would otherwise be possible given their level of domestic saving." [3]

O fato é que os Estados Unidos têm utilizado recursos mundiais que, ao invés de serem reinvestidos localmente, têm sido utilizados para financiar a reprodução do capital nos próprios Estados Unidos. Estes recursos têm coberto o consumo que os Estados Unidos deveriam sacrificar em forma de novos investimentos e diminuição das importações. A atração de recursos forâneos tem sido, em média, duas vezes maior que os déficits na balança comercial. Para os Estados Unidos, são nítidos os benefícios da vitória na Guerra Fria e da derrota dos projetos alternativos ao capitalismo, como na China e na ex-União Soviética. Pelos mecanismos desse novo sistema de extração de riqueza internacional, os "deserdados do socialismo real", ou do "socialismo de face chinesa", ajudam, com seu trabalho, a ampliar a enorme concentração de capital nos Estados Unidos.

Os gráficos 2, 3 e 4 exemplificam essa moderna relação entre a poupança externa e os investimentos domésticos nos Estados Unidos. Percebe-se que a tendência para a intensificação deste procedimento remonta ao fim da década de 19(70), período que se atribui ao início do fenômeno da globalização. Não é difícil ver porque os Estados Unidos pintam uma visão laudatório dela, portanto.

A crescente diferença entre a poupança doméstica e os investimentos domésticos, tal como se vê nas figuras 2, 3 e 4, marca um diferencial de postura dos Estados Unidos em relação ao mundo capitalista como um todo. Até meado da década de setenta, o investimento local era coberto totalmente pela poupança local. De fato, esta economia tem se tornado mais internacionalizada, e dependente destes fluxos do exterior, na medida em que os mercados financeiros foram se "globalizando".

Ao mesmo tempo, torna-se fácil compreender certos lugares comuns do discurso econômico. A gritaria em torno da globalização traduz justamente a euforia, em primeiro lugar, pela inauguração desta nova modalidade de extração de excedente econômico de outros países, que os mercados financeiros permitem aos Estados Unidos a partir dos anos setenta. Ao mesmo tempo, fica mais simples de entender-se porque é corrente, nos manuais norte-americanos de desenvolvimento econômico e macroeconomia, atribuir à poupança externa um papel essencial no crescimento

[3] "Fluxos de capitais beneficiam ambos grupos de países. Para os exportadores de capital, permite obter um retorno maior sobre suas poupanças do que se tivesse investido em seus próprios países. Para os importadores, permite manter taxas de investimento que de outra forma seriam impossiveis de acordo com o nível corrente de poupança." (Traduzido pelo autor.)

econômico. É que isso de fato *funciona* para Estados Unidos. E é por isso que este não pode prescindir de sua postura militarista: ela é no fundo o pilar no qual se fundamenta a segurança dos investimentos forâneos em seu mercado.

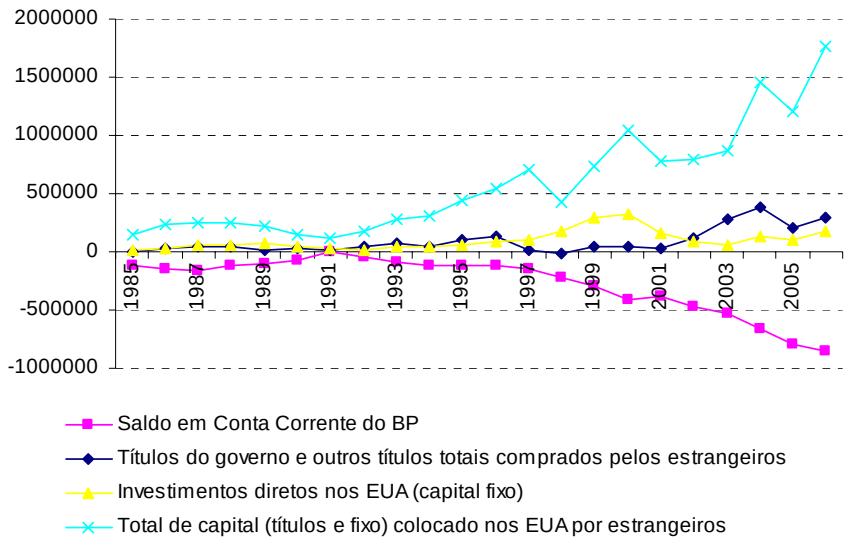


Gráfico 1. Estados Unidos. Contas selecionados do Balanço de Pagamentos. Em milhões de dólares correntes. Fonte: BEA – Bureau of Economic Analysis (www.bea.gov)

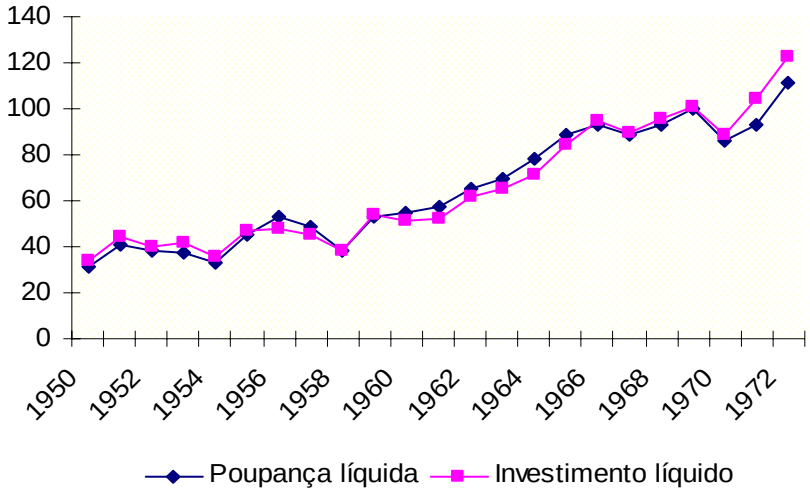
3. A atual divisão internacional do trabalho

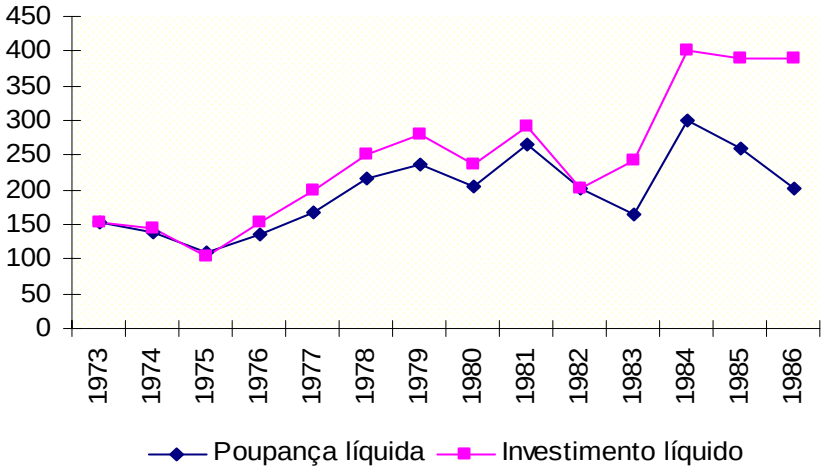
Fala-se amiúde, e erroneamente, em decadência econômica dos Estados Unidos. Alguns autores, como Ravi Batra, assustam-se com a queda da participação da manufatura no PIB e com o desaparecimento dos trabalhadores industriais. Escreve Batra (2006: 298):

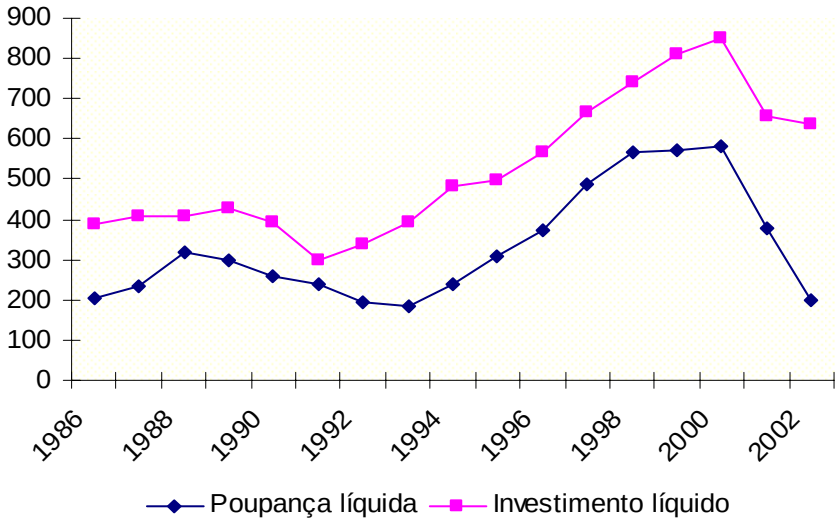
> Hoje, praticamente não há mais atividade manufatureira nos Estados Unidos. O país importa quase tudo – videocassetes, automóveis, bicicletas, motocicletas, bastões de beisebol, raquetes de tênis, sapatos, roupas, brinquedos e até mesmo bandeiras americanas; a lista é imensa. Mesmo que o dólar despenque abruptamente, o que podemos exportar? Talvez alguns aviões, computadores, trigo, madeira, algum maquinário – coisas que podem ser contadas na ponta dos dedos. Pouca coisa é feita nos Estados Unidos. Portanto, a falta de manufatura significa que será necessária uma quantidade enorme de dólares para eliminar o déficit ou mesmo derrubá-lo.

Ou, ainda (p.340):

> Em 1965, a base manufatureira americana começou a sofrer com o comércio mais liberalizado; a movimentação livre de capitais internacionais simplesmente a dizimou, pois permitiu que os Estados Unidos operassem um déficit comercial aparentemente sem limites em troca de dólares em papel-moeda.







Gráficos 2, 3 e 4. Estados Unidos. Poupança líquida e investimento líquido doméstico, entre 1950 e 1972, 1973 e 1986, e 1986 e 2002. Em bilhões de dólares correntes. Fonte: BEA (www.bea.gov).

Na verdade, Batra e outros adeptos da “decadência” não conseguem ver muitas coisas. Melhor do que basear o poderio do país em indústrias, é basear o poderio do país sobre as indústrias de outrém. É comandar a riqueza, e não propriamente produzi-la, que confere ao capital seu poder. No nível das nações, ocorre o mesmo. Em primeiro lugar, a queda da participação da indústria se deu em grande parte pelo barateamento relativo dos valores dos produtos manufaturados. Como escreveu Krugman (KRUGMAN, 1999: 36):

> ...se o comércio internacional de produtos manufaturados tivesse sido equilibrado de 1970 a 1990, a tendência declinante no tamanho do setor industrial teria sido menos acentuada; porém, ainda assim grande parte da desindustrialização teria ocorrido. Entre 1970e 1990, a indústria declinou de 25% para 18,4% do PIB; com uma balança comercial equilibrada, o declínio teria sido de 24% para 19,2%, cerca de 86% do total. [...] Por que, então, a participação da indústria declinou? A primeira razão é que a composição dos dispêndios internos mudou em detrimento das compras de produtos manufaturados.

Em segundo lugar, os “arautos da decadência” não vêem que a substituição do trabalho fabril traduz justamente a elevação do padrão de vida dos trabalhadores, com diminuição do ritmo e condições extenuantes do trabalho repetitivo. Ora, isto não representa ganhos do ponto de vista das condições de trabalho para os cidadãos americanos? Em terceiro lugar, as importações têm contribuído para manter baixas taxas de inflação, mesmo num período de aceleração rápida do crescimento, como nos anos noventa. Logo, os déficits comerciais sucessivos traduzem não o enfraquecimento da economia norte-americana, mas sim seu poderio mundial.

O que valia para a Inglaterra agora é verdadeiro principalmente para os Estados Unidos: como afirmava Lênin (1986 [1917]: 650-654) no clássico *Imperialismo, fase superior do capitalismo*...

> ...a exportação de capitais, uma das bases econômicas mais essenciais do imperialismo, acentua ainda mais este divórcio completo entre o setor dos rentiers e a produção, imprime uma marca de parasitismo a todo país, que vive da exploração do trabalho de uns tantos países e colônias do ultramar. [...] Na Inglaterra, o número de rentiers aproxima-se do milhão. A porcentagem da população produtora diminui.

E mais. Tais importações, cujo volume inunda o mercado doméstico *yankee* trazendo para baixo os preços, têm sido compradas, dos principais parceiros comerciais asiáticos, a preços cadentes. Com exceção de um ou outro setor industrial nos Estados Unidos que enfrente a concorrência de bens importados da Ásia, de modo geral a desvalorização do *yuan* e do *yen* (moedas de China e Japão) representam barateamento de insumos, contribuindo para manutenção de taxas de lucro positivas.

A atual divisão internacional do trabalho, com os países asiáticos – a China e o Japão em primeiro lugar – barateando ao máximo as importações dos Estados Unidos, e recolocando seus saldos de balança comercial nos próprios papéis americanos, sustentando assim seus déficits, representa portanto uma transferência colossal de riquezas em favor da “América”. Portanto, a atuação imperialista dos Estados Unidos nos últimos vinte e cinco anos, do ponto de vista da formulação da

divisão internacional do trabalho, é atualmente mais poderosa que antes porque, justamente, ela atuou desarticulando o então último grande bastião do socialismo, até Mao Tse Tung – a China.

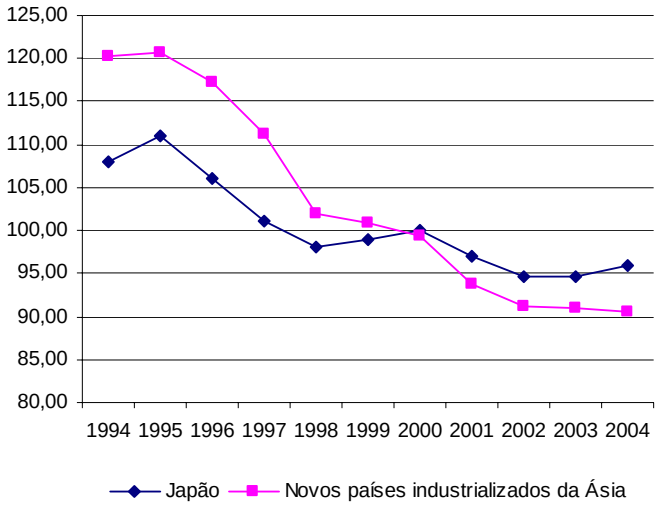


Gráfico 5. Estados Unidos. Preços das importações totais do Japão e dos Novos Países Industrializados da Ásia ("Asian Newly Industrialized Countries"). 2003 = 100. Fonte: Bureau of Labor Statistics. (BLS). Disponível em: www.bls.gov

Conclui-se, neste breve trabalho, que o imperialismo norte-americano atual se fundamenta numa exacerbação de antigos procedimentos *em conjunção* com outros mais modernos, explicados em parte por sua já condição de potência tutelar da Alemanha e Japão, e em parte pela vitória sobre o socialismo mundial. Assim, a tese do "super-imperialismo" de Kautsky – a de uma associação de nações e capitais do centro capitalista que não mais se enfrentam militarmente – talvez devesse ser aprimorada, nas condições de predomínio inconteste de uma potência sobre as outras nações industrializadas – que de fato não as enfrenta com o poder das armas, mas se arma para explorá-las.

1.Bibliografia

BATRA, Ravi. *Greenspan, a fraude.* Ribeirão Preto: Editora Novo Conceito, 2006.
BANDEIRA, Luiz A. Moniz. *Formação do império americano.* Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.
BUKHARIN, Nikolai I. *Economia mundial e imperialismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
CHESNAIS, François. *A finança mundializada.* São Paulo: Editora Boitempo, 2005.
HILFERDING, Rudolf. *O capital financeiro.* São Paulo: Abril Cultural, 1983.
KRUGMAN, Paul. *A desintegração americana. Os Estados Unidos perdem o rumo no século XXI.* Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.
_____ . *Internacionalismo pop.* São Paulo: Editora Campus, 1999.
LENIN, Vladimir I. *Obras escolhidas.* São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1986.
LUXEMBURGO, Rosa. *A acumulação de capital.* São Paulo: Abril Cultural, 1983.
MANDEL, Ernest. *O capitalismo tardio.* São Paulo: Abril Cultural, 1983.
MAGDOFF, H. *Era do imperialismo: a economia da política externa dos Estados Unidos.* São Paulo: Hucitec, 1978
MARX, Karl. *Das Kapital.* Berlim: Dietz Verlag, 1964.

2.Séries Numéricas

BEA – Bureau of Economic Analysis: http://bea.gov
BLS – Bureau of Labor Statistics: http://bls.gov

3.Documentos oficiais

GPO Acess - Service of the U.S. Government Printing Office: http://www.gpoaccess.gov